

Nesse segundo volume nossa última edição de 2018 encaramos com nossas intuições lentas os eventos políticos do Brasil pós-eleições. Numa visão retrospectiva temos os diversos movimentos em defesa do ensino de Arte no Brasil e contra os estados de desamparo de nossas instituições de ensino e pesquisa em Artes Cênicas. Neste segundo volume da Manzuá pretendemos ver estes tempos como um tempo de colaborações para o nosso contexto de pesquisa e Educação em Artes Cênicas, daí a nossa preocupação em trazer artigos cujas discussões estiveram presentes nos diversos encontros acadêmicos promovidos pelo PPGArC e as associações de nossa Área, como a reunião científica da ABRACE e o congresso da ANDA, também eventos menores mas com ampla participação de discentes do Programa como o Reperformar o afeto: professores-performers. Trazemos artigos de cada um desses eventos, os autores MarcílioVieira, Carmina Mendes André, Angelika Angelika Hauser-Dellfant e Lígia Marina de Almeida.

Luiz Davi Vieira Gonçalves apresenta um artigo que visa refletir sobre a participação do Pajé-hekura Carlos Figueiredo e do professor indígena Marcos Figueiredo, ambos da etnia Yanonami, na IX Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE/2017. Para isso, busca demonstrar a relação construída entre o branco e o indígena e refletir sobre a comparação feita pelo Pajé-hekura Carlos Figueiredo entre o conhecimento tradicional Yanonami e o conhecimento acadêmico.

A professora Angelika Hauser-Dellfant, da Universidade de Música e Performances Artísticas, de Viena, Áustria descreve experiências a partir de percepções sobre as culturas do BRasil e Viena e propõe a continuidade de ações artísticas e pedagógicas entre os dois continentes.

A professora Carmina Mendes André, apresenta um programa de ensino tendo a criação de intervenções urbanas como prática educativa na formação de licenciados e de bacharéis em teatro. Embasa sua pedagogia nas noções de estratégia e tática de Michel de Certeau.

Marcilio de Souza Vieira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte nos traz uma reflexão sobre os cursos de Licenciatura em Dança da região nordeste do Brasil. Apresenta algumas considerações acerca do currículo de

tais cursos fazendo uma aproximação e distanciamento dos mesmos. Ligia Martins de Almeida compartilha sua pesquisa de doutorado em relação a imagens que envolvem algum tipo de representação, que prevêem a total extinção dos povos originários do Brasil. Para dar conta de tal conteúdo de pesquisa, a autora defende no artigo que é necessário uma certa revisão da forma de fazê-la.

Tivemos encontros notáveis com Vladimir Safatle, John Dawsey, Petrucia Nóbrega, Tania Alice, Marcos Bulhões, entre outros. Coisas interessantes aconteceram em paralelo às conferências, mas com igual importância, falo do momento em que eu, como pesquisadora e artista da performance me dei conta de algo, uma experiência auspiciosa que jamais pensei em vivenciar num encontro de pesquisa em Artes Cênicas. O momento em que o pajé Ianomami Hekura- Carlos Fernandes que compartilhava uma mesa sobre a Diversidade de saberes, na qual seu intérprete professor Marcos Figueiredo o deixou sem tradução por cerca de 15 minutos, permitiram que ele falasse em sua própria língua. Foi uma performance dos povos da floresta, maravilhosamente espontânea que, por 15 minutos criou em todos os que assistiam a consciência de que ouvir uma voz indígena, e para a maioria, desconhecida, não carecia de tradução. No início de sua fala o pajé Hekura foi devidamente apresentado e traduzido à nossa assembleia da ABRACE durante a reunião científica, em setembro de 2017. Realmente havia um tradutor, ele também era um Yanomami para aquele pajé, desconhecedor da linguagem napëpë usada por todos os outros participantes do congresso: português, inglês, francês, espanhol.

Ele contou-nos que seu avô já tinha estado aqui, em Natal há muito tempo atrás, quando não havia ainda esta cidade: eram apenas muitas montanhas que se moviam, as dunas, e o mar que banhava tudo e deixava tudo luminoso. Além disso a paisagem tinha a presença sobrenatural dum vento que era um vento muito forte, presente.

A declaração de existência ancestral desses nossos ventos, energia eólica, volátil, entrando em todas as frestas, levantando as saias, empurrando papéis e copos e sacos para longe, muita mais americana que a beleza americana, a paisagem aqui é quase uma coreografia de Phia Ménard.

Este vento de Natal estava presente na fala traduzida do pajé, mas, depois ele disse que iria contar sua história e iria contá-la sem tradução, pois era um ensinamento e isso devia ser ouvido por todos, inclusive pelo tradutor. A assembleia consentiu em ouvir aquele líder do povo da floresta falar Yanonami por cerca de quinze minutos. Todos pareciam entender! O que? O som das palavras, a cadência das frases, o vento passando pelos nossos corpos. Eu, num estado de êxtase controlado, me dei conta da minha experiência: pela primeira vez eu estava ouvindo um índio falar sem ser traduzido.

Não é preciso ir mais longe, se eu aprendi a ouvir o português, o francês, o inglês, o espanhol sem tradução, eu consigo ouvir um indígena sem tradução. Por que o que nós buscamos é ouvir as performances, os saberes de professores e também dos povos da floresta, os ativistas e os xamãs. Se desapagarmos estes saberes, se não expulsarmos os mediadores destes lugares de fala outros, poderemos, talvez, traduzi-los em nossas produções.

